

4

Os sujeitos da pesquisa e o trabalho de campo

Antes da entrada no campo, procuramos conhecer um pouco da história das Salas de Leitura através da análise de documentos oficiais, tentando relacionar os textos publicados em diferentes épocas e contextos históricos com a forma como as diretrizes para estes espaços foram se modificando. As entrevistas com os professores coordenadores desses espaços têm como objetivo compreender de que forma as propostas indicadas pelos documentos são traduzidas no cotidiano escolar tanto no que se refere à constituição das salas de leitura pólo enquanto núcleos de mídia, quanto em relação às atribuições dos docentes.

Para a realização deste estudo optou-se por uma metodologia de base qualitativa que permitisse uma aproximação com a prática pedagógica de um grupo específico de profissionais (neste caso, professores de sala de leitura pólo) e das relações deste grupo com a instituição escolar. Na medida em que a abordagem qualitativa privilegia a análise interpretativa dos sentidos dados pelos sujeitos pesquisados às suas ações, julgamos que fosse esta a forma mais apropriada de tentar entender melhor a atuação destes profissionais enquanto mídia-educadores, a relação que eles estabelecem com as mídias e o papel que desempenham na escola.

Utilizamos como principais instrumentos de pesquisa a análise de documentos (no caso, os documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro relativos à implementação e regulamentação das Salas de Leitura), a entrevista estruturada com gestores do setor de mídia-educação deste órgão e com professores coordenadores de Salas de Leitura Pólo, além de observações em uma Sala de Leitura Pólo, com o intuito de conhecer mais de perto o trabalho realizado. Através de entrevistas temáticas de curta duração, pontuais e também de relatos de experiência, pretendemos fazer um levantamento das práticas mídia-educativas realizadas nas salas de leitura pólo. A escolha do uso de entrevistas está associada a sua importância no que se refere a “...mapear práticas e crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, onde os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.” (Duarte, 2004, p. 2)

Para este trabalho foram entrevistados: a diretora da Divisão de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação, oito professores de Sala de Leitura Pólo e a diretora da escola municipal que observamos. O quadro abaixo apresenta um perfil dos entrevistados:

Nome¹	Cargo/Função	Idade	CRE	Tempo de sala de leitura	Tempo de magistério na Rede
Simone	Diretora da Divisão de Mídia-Educação da SME	38	6	2 anos	20 anos ²
Julia	Regente de sala de leitura		8	17 anos	42 anos
Claudia	Regente de sala de leitura	Não informado	2	3 anos	Não informado
Flavia	Regente de sala de leitura	37	7	9 anos	13 anos
Roberta	Regente de sala de leitura	39	8	8 anos	20 anos
Viviane	Regente de sala de leitura	49	4	6 anos	11 anos
Aline	Regente de sala de leitura	42	10	15 anos	21 anos
Cristina	Regente de sala de leitura	47	7	2	6 anos
Roberto	Regente de sala de leitura	42	7	8	11
Isabella	Diretora de escola municipal	47	7	Nunca trabalhou	28 anos

¹ Por motivos éticos, optei por utilizar nomes fictícios para os professores e diretora da escola municipal. Somente a diretora da Divisão de Mídia-Educação tem seu nome real, em função do cargo que exerce.

² Simone tem o cargo de professora (P-II) na rede municipal do Rio de Janeiro há 20 anos. Durante este tempo, ela exerceu diferentes funções. Entre elas, foi professora de sala de leitura por 2 anos, professora de sala de aula por 4 anos, coordenadora pedagógica por 6 anos, elemento de equipe da divisão de educação da 6 CRE por 4 anos e desde 2001 atua no nível central da SME como diretora da Divisão de Mídia-Educação.

A seleção do espaço para o trabalho de campo e dos professores entrevistados obedeceu a dois critérios básicos: 1) deveriam ser professores de uma Sala de Leitura Pólo, pois estas possuem em sua estrutura um núcleo de mídia e ter entre suas atribuições a realização de um trabalho que contemple múltiplas linguagens; 2) indicação dos professores entrevistados e da escola a ser observada pela Divisão de Mídia-Educação da SME. Assumimos que seria melhor seguir as indicações da SME quanto a experiências bem sucedidas com relação à utilização das mídias nas escolas, pois consideramos que não haveria ganhos para a pesquisa em fazer um mapeamento de práticas mídia-educativas mal-sucedidas.

Não nos propusemos a fazer qualquer tipo de amostragem, muito menos analisar a qualidade do ensino ministrado na Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro; nosso objetivo era conhecer e mapear práticas mídia-educativas inovadoras e bem sucedidas e analisar suas possíveis contribuições ao sistema regular de ensino. Assumimos que, para isso, precisávamos da indicação de alguém que estivesse em contato direto com as experiências, daí a escolha da diretora da Divisão de Mídia-educação.

Nossa proposta e objetivos foram apresentados a ela, que nos possibilitou o acesso aos documentos oficiais, nos indicou os professores a serem entrevistados, bem como a escola a ser observada.

4.1

O trabalho de campo: situações de contato

A visão institucional nos foi apresentada na entrevista concedida por Simone Monteiro³, na qual ela explicitou a concepção de mídia-educação que norteia o funcionamento das salas de leitura pólo. O primeiro contato com a diretora da Divisão de Mídia-educação da SME se deu em seu local de trabalho, no Centro do Rio de Janeiro, no dia 25 de maio de 2005. Fui muito bem recebida, mas naquele dia conversamos rapidamente, já que ela estava saindo para realizar um curso e o telefone não parou de tocar um instante, interrompendo nossa conversa. Marcamos um novo encontro para o dia 10 de junho de 2005 no qual conversamos mais longamente e com mais privacidade e pude realmente conhecer, através dela, a visão da SME com relação ao uso de diferentes tipos de

³ Simone Monteiro é diretora da Divisão de Mídia Educação da SME desde setembro de 2001.

mídia nas salas de leitura pólo. Inicialmente ela falou sobre as mudanças na concepção das Salas de Leitura que originalmente haviam sido concebidas como espaços privilegiados para o contato com livros, como o próprio nome sugere, e foram incorporando uma concepção de leitura ampliada, relacionada a múltiplas linguagens. Destaco trechos de um folder produzido pela equipe da DME, que apresenta mais explicitamente essa visão:

O que são as Salas de Leitura?

Espaços educativos voltados para o desenvolvimento de práticas de promoção da leitura e de formação do leitor, relacionando o livro a outras mídias e suas linguagens, na perspectiva de leitura de mundo.

Tem como um dos objetivos realizar estudos e trocas voltadas para a apropriação crítica das diferentes linguagens pela escola, na perspectiva da convergência de mídias.⁴

Com relação ao uso de mídias nas salas de leitura pólo e de como se deu a transformação das bibliotecas para as atuais salas de leitura, ela nos conta.

S – Acontece assim: se a gente pensar num trabalho mais amplo, considerando o livro como uma mídia, e a tv e o vídeo como uma dimensão de uso mais comum, isso já vem acontecendo há bastante tempo. Mas em termos de preocupação curricular, em termos de uma formação, em termos de processo de trabalho, de desenvolvimento de metodologia, a rede começou a focalizar essa temática a partir de 96, quer dizer a partir de 96 foi com a Multirio, com o currículo multieducação. Na verdade, 96 foi um marco importante do trabalho porque isso virou discurso oficial com a publicação do currículo multieducação, que é esse que eu falei que está disponível na internet. Então, esse livrão traduziu pela primeira vez num discurso oficial a prática que já vinha sendo discutida nas escolas. O que a gente tem mais forte em termos de lembrança é que quando a gente começou a trabalhar em 1985 com as salas de leitura pólo, o projeto de sala de leitura na verdade, se começou a pensar em termos de uma educação, de uma formação de leitores que tivessem um diálogo com outras possibilidades

⁴ Folder de divulgação produzido pela equipe da Divisão de Mídia-Educação da SME, sem data.

de leitura para além do livro, mas não havia ainda uma experiência acumulada, uma discussão teórica, era apenas uma proposição porque estava se criando um trabalho que tinha como pressuposto ser um pólo cultural dentro da escola. Então era pra além de emprestar livros, ter atividades que envolvessem cinema, vídeo, teatro e outras linguagens. Então, começou por aí.⁵

Simone comenta que é a partir de 1996 que a escola começa a valorizar o ensino de “diferentes linguagens”, ou seja, a valorizar a formação de um leitor que lê diferentes tipos de textos, numa perspectiva de diálogo da literatura e do livro com outros suportes e linguagens. Ela coloca ainda que foi somente nessa época que a palavra mídia apareceu efetivamente no contexto de trabalho da rede, já que começou-se a falar que as Salas de Leitura Pólo sediariam núcleos de mídia. Esses núcleos seriam compostos de televisão, aparelho de som com CD, vídeo-cassete, computador, impressora, filmadora e máquina fotográfica. Também menciona a importância de se ter uma formação adequada para os profissionais responsáveis por estes espaços, fazendo questão de deixar clara sua posição de que a utilização das mídias na escola não fosse feita de forma utilitária, como simples ferramenta pedagógica, mas que abarcasse sua dimensão de nova forma de linguagem e comunicação.

No que diz respeito ao papel das mídias e à presença delas na escola, Simone tem a seguinte percepção:

Eu acho que a mídia, a mídia, ela tem que estar na escola porque está fora dela. E se a escola se propõe, a nossa escola, na sua proposta curricular, se propõe a estar sintonizada com o mundo e de alguma maneira, com as questões que perpassam o cotidiano desses alunos e desses professores, a mídia é uma dessas questões, a gente está entendendo a mídia como uma dimensão. Ela muda relações de tempo e de espaço, ela aproxima pessoas, ela divulga idéias, ela tem várias funções, vários usos e várias influências no cotidiano das pessoas. Então, a gente está partindo desse pressuposto que a escola tem que se apropriar disso, precisa se apropriar e ter algum tipo de diálogo, e é isso que é o desafio da gente aqui hoje, é pensar que tipo de diálogo é esse que a

⁵ Todas as entrevistas, no momento da transcrição, foram transformadas de linguagem oral para linguagem escrita, suprimindo-se então os vícios de linguagem apresentados, bem como qualquer tipo de erro.

escola estabelece com a mídia de uma forma geral porque a gente está entendendo que isso é parte da formação desses sujeitos.

A concepção de mídia presente nestas falas pode ser enquadrada no que Belloni (2001) define como uma dupla dimensão, ou seja, tanto pode ser “ferramenta pedagógica” quanto “objeto de estudo complexo”, que precisa ser abordado de forma crítica e criativa. Mais uma vez, Simone ressalta que, apesar de muitos professores ainda utilizarem a mídia apenas em sua dimensão técnica, ela acredita que seja necessário superar esta visão:

Essa é a nossa perspectiva. A mídia como uma dimensão que atravessa a constituição de conhecimento e não como uma ferramenta que ilustra a aula apenas. Trabalhar com mídia na educação. Relacionar mídia e educação, não fazer uma coisa só ferramenta. Essa perspectiva não é tão, não está já enraizada.⁶

Simone acredita que esta visão mais tecnicista possa ser superada na formação do profissional que trabalha na sala de leitura. Apesar disso, fica claro para nós que esta formação só se dá após o ingresso do professor neste espaço, não sendo necessária nenhuma formação prévia. Assim, parece-nos que a questão da formação, apesar de ter sido mencionada por todos os professores entrevistados, que se dizem satisfeitos com a oferta de cursos, pode acabar por comprometer o trabalho, pelo menos na fase inicial, quando muitos dos professores ainda não possuem um conhecimento específico para desenvolver este tipo de trabalho.

Essa questão fica mais clara quando sabemos que os cursos voltados para formação dos professores da rede na área de mídia-educação ou mesmo de uso regular das mídias somente é oferecida aos que vão coordenar salas de leitura pólo e assim mesmo, depois que eles já estão desempenhando a função:

⁶ No momento em que essa pesquisa foi realizada a diretora da Divisão de Mídia-Educação, Simone Monteiro, realizava um curso de especialização em mídia-educação e, alguns meses depois, foi aprovada em uma seleção para o mestrado em educação. Assim, verificamos que ela está em contato com as principais teorias do campo da mídia-educação em sua atividade acadêmica, o que certamente se reflete em suas falas.

L - Então depois que ele vai pra sala de leitura é que vem essa formação?

S – Isso. Porque uma das atribuições da sala, do professor de sala de leitura é se dispor a participar desses cursos. Esses cursos são sempre dentro do horário de trabalho dele. Um ou outro é que às vezes é fora porque depende de parceria. Às vezes é uma parceria com uma universidade, só pode à noite. A gente esta com uma parceria com a UERJ, que eles oferecem os encontros à noite. Não tem outra possibilidade. Então, a gente convida, o professor vai se ele tiver disponibilidade. Esse aí não é uma coisa “ele tem que”. Agora, os que ele “tem que” são dentro do horário de trabalho. Ele sai da escola e vem fazer o curso onde for. E aí, ele vai se atualizando e se formando nesse processo.

Esta formação um tanto tardia e muitíssimo restrita, já que a Rede Municipal do Rio de Janeiro conta com mais de 1000 escolas e apenas 30 salas de leitura pólo, também nos leva a pensar que o uso das mídias na escola ainda é muito pequeno. Assim, falar em mídia-educação hoje, é deter-se principalmente nesses espaços, o que demonstra que este tipo de prática e suas idéias ainda não foram incorporadas à instituição escolar como um todo.

Por último, quero ressaltar que ela afirma estar satisfeita com o trabalho realizado nas salas de leitura pólo e que, apesar desse trabalho não estar sendo desenvolvido na totalidade desses espaços, ele tem dado resultados melhores do que ela esperava.

Assim, na visão institucional constata-se que tem havido um esforço no sentido de cumprir a legislação, tanto em termos de equipamentos formadores dos núcleos de mídia, quanto em relação à capacitação dos profissionais que trabalham nestes espaços, mesmo que essa capacitação só esteja sendo feita após o ingresso dos professores nestes espaços e que eles ainda sejam em número muito pequeno diante da imensidão da Rede de ensino. Apesar disso, também foi possível verificar que alguns dos itens presentes em documentos oficiais, não estão acontecendo na prática. Por exemplo, o item “Dominar os pressupostos e fundamentos teóricos educacionais e comunicacionais da abordagem mídia-

educacional”⁷ parece-nos comprometido, já que não encontramos em nenhuma fala de professores, referência a cursos teóricos, mais voltados para os estudos e pesquisas que têm sido desenvolvidos na área acadêmica no campo da mídia-educação. Parece-nos que a SME tem se preocupado mais em desenvolver a parte prática, habilitando os professores a manusear os equipamentos, oferecendo cursos de como se montar uma rádio, como se produzir uma animação, ou de informática educativa, em detrimento de cursos envolvendo discussões teóricas. A própria diretora aponta para a necessidade de se oferecerem cursos mais voltados para a reflexão crítica e a teoria:

S - Eu quero ou um curso de extensão porque pós já vai ser muita coisa, não vão autorizar tão cedo. Mas um curso de extensão dá. A gente faz uma extensão em mídia-educação. Uma parte mais teórica, mais conceitual, porque essa parte prática é a mais cara, mas de alguma maneira a gente tem como suprir isso também, então isso dá conta. O negócio é o professor ter uma reflexão mais consistente dessa prática dele, é refletir sobre essa prática; é esse o projeto que a gente está hoje.

Um outro item que consta dos documentos oficiais mas que parece-nos comprometido é o que diz “Elaboração de mecanismos legais e administrativos para dar garantias e amparo às estruturas do Núcleo de Mídia-Educação e aos seus profissionais, de modo que seus projetos tenham continuidade garantida.”⁸

A fala da própria Simone demonstra que essa continuidade ainda não está garantida principalmente pela falta de professores regentes na Rede de ensino, que precisam ser substituídos por professores de sala de leitura, onde o trabalho fica comprometido e muitas vezes parado. Se referindo a esta questão, ela diz:

S – Então esse momento está um momento muito ruim de estrutura de trabalho nosso e não é só na sala pólo, é geral. A gente está enfrentando um quadro, uma dificuldade de rotação de professor muito grande. A rede cresce de uma forma muito rápida e aí fez-se concursos, chamaram vários professores mas ainda tem falta de professores. E aí é assim, eu estou fazendo um levantamento agora de professores. Esse levantamento,

⁷ Sala de Leitura Pólo/núcleo de mídia-educação. Um espaço em transformação. Sem data.

⁸ Redefinição das atribuições do professor regente de sala de leitura pólo. Sem data.

algumas CREs já me mandaram retorno. Então, eu tenho uma CRE por exemplo, que é a 2ª CRE, da zona sul, Jardim Botânico, pega desde Tijuca até Ipanema, Copacabana. Eu tenho uma pólo nessa CRE que tem 37 escolas ligadas a ela. Dessas 37, ela só tem 10 com professor. E dessas 10 que têm professor, ela tem 6 ou 7 que eu não me lembro agora, que estão em sala de aula direto, substituindo professor regente que não existe na escola. Então como o aluno não pode voltar pra casa, a sala de leitura assume essa turma.

L – Então na verdade você tem três salas de leitura funcionando?

S – Nesse pólo sim. Nesse pólo. Numa CRE que eu tenho 140 escolas mais ou menos, se um pólo que tem 37 escolas, tem 5 funcionando, você imagina! E é umas das CREs que eu tenho maior falta de professor, 2ª CRE, maior índice de falta, uma das que têm mais índice de falta.

Perguntada sobre a existência de alguma sala de leitura pólo sem professor, Simone nos diz que todas, naquele momento, possuíam pelo menos um elemento, não havendo nenhuma sala que estivesse fechada. No entanto, ressalta que nestes casos o trabalho encontra-se praticamente parado, já que fica muito difícil um professor realizar o trabalho que foi pensado para cinco, além das reuniões e cursos que eles deveriam fazer, bem como repassar o trabalho para as salas satélites. Ela comenta que na 4ª CRE tem um caso de uma escola que está apenas com uma professora de sala de leitura pólo, prejudicando o andamento do trabalho, mas que a sala está aberta, e que em alguns casos de sala de leitura satélite, quando acontece do professor ter que sair de licença ou para substituir alguém, o trabalho fica literalmente parado. Nesses casos, ela comenta que é possível que os professores regentes de sala de aula utilizem a sala de leitura e façam um trabalho com mídias, mas que isso fica muito dependente da vontade ou não destes professores e que o fato de não ter professor de sala de leitura é motivo de angústia. É visível aqui a instabilidade do trabalho nas salas de leitura pólo, já que ainda que haja cinco elementos, esse número é, sem dúvida, insuficiente para cumprir todas as atribuições que se esperam desses profissionais, como desenvolver trabalhos com os alunos, ir a cursos de formação, oferecer capacitação, multiplicar o trabalho pelas salas satélites...

A partir do segundo encontro com Simone, fui convidada a participar de uma reunião periódica que acontece entre os professores de sala de leitura pólo. Fui informada de que este seria um encontro para passar informações burocráticas, como datas de cursos, palestras... e para que alguns professores falassem de sua experiência num evento do qual tinham participado.

Esta reunião aconteceu no dia 13 de julho de 2005, no auditório do Centro de Referência da Educação, no Centro do Rio de Janeiro, e estava marcada para as 9:00 da manhã. Começou efetivamente às 9:30 e foi aberta por Simone, com a presença de 57 professores. Já aqui, cabe uma primeira observação sobre a frequência dos professores a estas reuniões. Se temos 30 salas de leitura pólo e se cada uma deveria ter cinco professores, a reunião deveria contar com a presença de pelo menos 150 professores. De acordo Simone, o número reduzido fica por conta da falta de professores no quadro de regência das escolas, levando os professores das salas pólo a assumirem a substituição dos mesmos.

Fui apresentada ao grupo todo e aos professores que me dariam as entrevistas e, em seguida, Simone falou da mídia para além do aspecto utilitário, bem como do COLE – Congresso de Letramento, que tinha acontecido no início do mesmo mês, em Campinas-SP, e do qual alguns professores presentes haviam participado. Esses professores foram convidados a falar sobre o Congresso, colocando que sentiram uma certa distância entre educadores e comunicadores nas discussões. Além disso, uma professora colocou que predominaram as discussões e apresentações sobre a mídia impressa — jornal/revista, o que pode nos levar a pensar que ainda que se trabalhe com mídias, a perspectiva do que é impresso, do que está mais perto do texto literário, ainda permanece forte nas atividades desenvolvidas.

Sobre a questão do distanciamento entre essas áreas do saber, Martin-Barbero defende que se deve pensar o fenômeno da comunicação em um movimento de “envergadura antropológica” (2004, p.209). Para ele, a falta de aliança entre a comunicação e a educação prejudica um olhar integrado sobre o mesmo. Enfatiza que o ensino da comunicação, que tem sido encontrado nas faculdades de comunicação, pode estar contribuindo

“...para fomentar um novo tipo de monopólio da informação tão nefasto quanto o que concentra a propriedade dos meios em

algumas poucas empresas, ao contribuir para concentrar o direito da palavra pública nas mãos dos especialistas em comunicação, isto é, ao converter um direito de todos em profissão de uns poucos.” (p.214)

Rivoltella (2002) também afirma que esta separação é prejudicial para a formação do profissional que deve trabalhar com mídias, fazendo questão de enfatizar que ela deve ser superada para que se pense efetivamente em práticas mídia-eduactivas.

Simone terminou a reunião dando alguns avisos de datas importantes de cursos e reuniões e falando da importância de se dar visibilidade aos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos nas salas de leitura, expondo-os nestes congressos, em seminários, fazendo palestras, etc., para que, além da divulgação, esses professores possam ser reconhecidos e terem seu trabalho valorizado, deixando de serem obrigados a substituir professores de sala de aula, o que faz com que as salas de leitura fiquem fechadas por vários meses.

Aqui, cabe comentar um pouco sobre a relação estabelecida entre as salas de aula e as salas de leitura. Simone me explicou que os professores que vão para as salas de leitura são professores comuns da rede, ou seja, são professores que fizeram concurso para lecionar determinada disciplina na rede e que depois foram indicados para fazer parte do quadro de sala de leitura. Portanto, não há um concurso específico para professor de sala de leitura, mas uma seleção interna. Quando há abertura de vagas para sala de leitura, a direção da escola indica o nome de um professor, de acordo com um perfil de trabalho. Ela coloca esse perfil como uma pessoa que tenha disponibilidade de horário, que se disponha a fazer um trabalho que incorpore diferentes tipos de mídias, que seja um professor leitor, comentando que ele está determinado nos documentos de sala de leitura e que foi sendo construído, a partir de 2001, com os próprios professores, nas reuniões mensais do Grupo de Trabalho de mídia da DME.

A partir da indicação da direção da escola, o professor faz uma entrevista com a coordenadoria regional, e a CRE decide, então, se ele está ou não dentro do perfil, se ele atende aos requisitos esperados e quais são suas propostas de trabalho, aceitando-o ou não para o cargo. Simone comenta ainda que o professor indicado pode não aceitar o cargo e que isso acontece com alguns professores que

chegam à entrevista e percebem que a proposta da sala de leitura vai além do empréstimo de livros e do cuidado com o acervo. Aqui, vale comentar como fica claro que ainda existem professores que tem uma visão de que o trabalho em sala de leitura seria uma forma dele não trabalhar, ou seja, ficar emprestando livros pode ser bom para alguns, mas quando avisados do que se espera, acabam desistindo e preferindo ficar na sala de aula.

Portanto, apesar de não ter nenhuma hierarquia entre o professor de sala de aula e o professor de sala de leitura, nem em termos de função, nem em termos salariais, há uma diferenciação que se faz entre eles próprios. Isso fica claro quando Simone nos conta sobre o preconceito que existe do professor de sala de aula com relação ao professor de sala de leitura. Ela nos diz:

O professor que fica na sala de aula é que tem o preconceito com professor de Sala de Leitura, que acha que ele fica no bem bom. Ele não esta com uma turma de 30, 40. Ele faz projetos, ele atende os alunos, mas eles também tem horário pra sair da escola pra fazer curso, então ele seria um professor privilegiado em relação a ele que está na sala de aula. Ou então, o professor que não faz nada na escola porque ele faz tudo e não faz nada. Porque ele não tem turma, então a vida dele é vídeo, passar vídeo, e, é uma concepção restrita.

Seria, então, para alguns, um privilégio o professor ser indicado para trabalhar na sala de leitura, já que o trabalho é considerado como mais leve do que aquele realizado em sala de aula. O fato de não se ter um concurso específico para este cargo ainda nos leva a pensar se ele não seria realmente uma forma de “apadrinhar” ou privilegiar alguns professores em detrimento de outros, já que a indicação da direção pode se dar de forma não muito clara, nem objetiva, deixando dúvidas quanto a sua validade e justiça.

Mas, independente de onde o professor esteja, o interessante é que a escola, como um todo, incorpore práticas mídia-educativas e que isso não fique restrito ao espaço de sala de leitura. Para isso, a formação oferecida deveria ser extensiva a todos os professores da rede, possibilitando-lhes o conhecimento necessário para lidar com as novas tecnologias de forma crítica e consciente. O que tem acontecido é que para os professores de sala de aula, de acordo com a

professora Aline, existe uma oferta de cursos que é mais restrita do que os oferecidos para sala de leitura, além do professor de sala de aula ter a dificuldade de realizá-los por conta do horário mais rígido, explicando-se em parte a possível ausência de práticas mídia-educativas nas salas de aula e a resistência demonstrada por alguns destes professores em fazerem parcerias com os professores de sala de leitura.

Aqui, nos perguntamos qual seria então o profissional responsável por este tipo de trabalho? Será que devem existir especialistas em mídia-educação, como propôs Rivoltella (2004), que seriam contratados pelas escolas para realizar este tipo de trabalho ou o melhor seria que os próprios professores regentes o fizessem, através de uma prática transdisciplinar?

Buckingham (2002) defende que a mídia-educação seja uma prática desenvolvida por todos os professores da escola e que ela seja um tema interdisciplinar. Assim, coloca que professores de diferentes disciplinas como Música, História, Ciências, além de outras, podem e devem saber como utilizar as mídias e as novas tecnologias de forma reflexiva, levando o aluno a apropriar-se das mesmas enquanto nova forma de linguagem. Como já dissemos, alerta para que esse uso ultrapasse os aspectos técnicos e de utilização como ferramenta, defendendo a existência de departamentos de mídia dentro das escolas, com a função de implementar e supervisionar esse tipo de prática interdisciplinar e crítica.

Após a reunião, os professores ficaram conversando sobre suas experiências e projetos e eu dei início às entrevistas, em uma sala que ficava atrás do auditório. Neste dia, foram realizadas cinco entrevistas com professoras de salas pólo, que me receberam muito bem, com exceção de uma, a professora Claudia, que se mostrou bastante resistente à entrevista, colocando sua insatisfação com pesquisadores que: *“...entram na escola, fazem entrevistas, mas depois desaparecem. Não dão nenhum retorno pra gente, esquecem que nós ajudamos!”* Aqui, lembrei-me imediatamente do retorno que as pesquisas devem dar. Afinal, pesquisa não é para ser guardada em uma gaveta ou esquecida numa prateleira, mas para estar à disposição de todos os interessados, fornecendo subsídios para que aquele problema possa ser repensado coletivamente. Sobre esta questão da devolução dos resultados Alves-Mazzotti (2003) coloca:

“O trabalho do pesquisador precisa ser conhecido por seus pares, que são aqueles que tem condições de avaliá-lo, questionando-o em suas falhas, ou o tomando como ponto de partida para novos estudos, dando assim continuidade ao processo de construção de conhecimento.” (p.46)

No dia 7 de julho de 2005, fiz minha primeira visita à escola municipal escolhida para ser observada e permaneci lá durante toda a manhã. A escola está situada na região metropolitana do Rio de Janeiro, dentro de um condomínio de classe média/alta da Barra da Tijuca; funciona em um prédio de dois andares, possui treze salas de aula, uma sala de vídeo, sala de leitura pólo, laboratório de informática, auditório, secretaria, sala da direção, da coordenação, refeitório, pátio interno e externo e quadra de esportes. A sala de leitura possui dois aparelhos de tv, vídeo, som, dvd, câmera fotográfica digital e máquina filmadora. Tem uma excelente estrutura física, pelo que se pode ver.

Sua clientela é composta na maioria por crianças de baixo poder aquisitivo, filhos de empregados do condomínio, mas também atende crianças de camadas médias, moradoras do condomínio.

Com relação aos recursos humanos, a escola possui uma diretora, uma diretora-adjunta, uma coordenadora pedagógica, uma supervisora, 22 professores regentes de turma, 5 professores regentes de sala de leitura, 4 professores de Educação Física e uma professora de educação religiosa, bem como 3 merendeiras e 4 serventes. Oferece Educação Infantil e Séries Iniciais do ensino fundamental, incluindo turmas de educação especial, por isso a idade dos alunos pode chegar até os 16 anos. No ano de 2005, o número total de alunos ficou em torno de 624, de acordo com informação da diretora.

A sala de leitura é ampla, possui estantes com livros por toda a sua volta, mesas, cadeiras, uma pia com torneira, dois armários e os equipamentos de tv, vídeo, dvd, som, máquina fotográfica e filmadora. As paredes são praticamente cobertas pelas estantes e, em algumas delas, na parte superior, há alguns cartazes informativos (programação da Multirio, por exemplo) e trabalhos de alunos. Os armários também possuem cartazes colados.

Fui muito bem recebida pela diretora da escola, que me concedeu uma entrevista, me mostrou a escola toda e me levou à sala de leitura, apresentando-me

aos professores. Naquela ocasião, tinham 4 professores na mesma, que estavam terminando uma reunião com uma funcionária da 7ª CRE e outra da divisão de Mídia-Educação da SME.

Fui convidada pelas professoras a assistir alguns trabalhos realizados na sala, que haviam sido gravados em vídeo. Um deles era uma animação em stop motion (com bonecos) de um conto de Hans Christian Andersen “A Princesa e a Ervilha”. Os alunos haviam preparado os bonecos, maquetes, cenário, recontaram e filmaram a história, e depois apresentaram-na na Bienal do Livro. Foi interessante ver o trabalho e principalmente o “making-off” do mesmo.⁹ Assisti também a um vídeo sobre uma visita que os alunos fizeram à redação do jornal “O Dia”, em que eles puderam ver os bastidores e a produção do jornal. Era interessante porque no jornal tinha uma animação feita com massa de modelar e uma das professoras me contou que eles tinham realizado este tipo de trabalho na escola também e haviam ficado muito surpresos em saber que o que eles faziam na escola era feito também em um jornal de grande circulação.

A diretora fez questão de justificar a ausência do quinto membro da sala de leitura, dizendo que eles trabalham em sistema de revezamento e que aquele não era o dia dele na escola, porque ele estava em outra sala de leitura pólo. Perguntei quando poderia encontrá-lo e ela resolveu ligar para perguntar a ele se poderia conversar comigo naquele mesmo dia, já que na semana seguinte ele não estaria trabalhando por causa de licença paternidade. Ele foi bastante receptivo e me convidou para conhecer a outra escola em que trabalha. Como as duas escolas ficavam em bairros próximos, fui até lá.

O professor Roberto estava dando uma aula de informática no laboratório e me convidou para assistir. A turma estava dividida ao meio e havia 16 meninas utilizando 10 computadores. A atividade sugerida era que cada dupla, ou alguém sozinho, escrevesse um texto que utilizasse algumas palavras pré determinadas e depois procurasse, na sala de leitura, que ficava ao lado, uma imagem que ilustrasse o seu texto para ser “scaneada”.

O professor explicou que ele sempre procurava trabalhar com outros professores e que aquela atividade era um trabalho com a professora de educação física. Esta tinha escrito um texto sobre solidariedade e destacado algumas

⁹ A maioria dos trabalhos que eu tive acesso apresenta making-off, o que dá uma idéia melhor de como foi realizado o trabalho para quem não o presenciou.

palavras-chave. As alunas deveriam então escrever sobre uma situação esportiva, usando as palavras destacadas pela professora. A aula foi interrompida quando acabou o tempo, ficando a atividade para ser finalizada na próxima semana.

Em conversa informal, o professor Roberto falou da felicidade de poder contar com um laboratório de informática que ele considera de ponta e se disse empenhado em realizar trabalhos onde os alunos sejam produtores e o computador não seja mera ferramenta. Além disso, afirmou que o trabalho de sala de leitura muitas vezes não cumpre sua função, exemplificando com situações em que professores regentes de sala de aula pedem cópias de fita de vídeo e acabam não fazendo uso delas. Como professor de sala de leitura pólo ele também é responsável por disponibilizar material audiovisual quando alguma sala satélite necessita, mas fica aborrecido quando pergunta para a professora como ela utilizou o material disponibilizado. Nas palavras dele: *“Eu fico até grosso quando escuto que a professora não teve tempo de usar o material disponibilizado e falo logo: não me pede mais nada!”*

Roberto falou ainda que criou com os alunos uma página na internet¹⁰, onde coloca os trabalhos realizados por eles, e fez questão de enfatizar que não se trata de uma página de consulta, mas de um espaço de divulgação, para que todos possam conhecer o trabalho dos alunos e ver o que é possível ser realizado.

Ele me convidou para assistir a um vídeo de um trabalho onde crianças de uma turma de terceira série, organizadas em grupos, tinham escrito uma história. No final, a turma escolheu a melhor história, que foi transformada em animação, com um cenário de desenhos e esculturas em massinha de modelar. Nesse momento ele aproveitou para explicar um pouco da parte técnica da animação, dizendo que as crianças aprenderam que há um intervalo entre as fotos e que é neste intervalo que elas devem movimentar os bonecos. Falou da gravação do som, que acontece no laboratório de informática, que as crianças vão descobrindo o melhor tom de voz para dublar os personagens e fazer a narração em off, o melhor horário para realizar esta atividade (não pode ser na hora do recreio, por exemplo, por causa do barulho externo), enfim, que através da produção as crianças vão realmente vivenciando as nuances do fazer e aprendendo como criar.

¹⁰ www.rio.rj.gov.br/jovem/nota_dez14.htm

Roberto utiliza programas gratuitos de computador, disponíveis na internet, para a realização das atividades com as crianças, mas faz a edição das animações em casa, ou seja, as crianças não participam da fase de edição. Ele manifestou o desejo de montar uma ilha de edição em uma das escolas onde trabalha para que as crianças possam realizar elas próprias esta etapa do trabalho.

No dia 19 de julho de 2005, fiz nova entrevista com a professora Aline, na escola municipal onde ela trabalha, que fica situada na 10ª CRE. Esta entrevista possibilitou conhecer uma outra sala de leitura pólo que me fez levar em conta as diferenças de contexto social e físico entre as escolas da rede municipal. Antes da realização da entrevista, a professora Aline me mostrou a sala de leitura, que, na ocasião, estava funcionando como sala de aula porque a escola tinha passado por uma enchente que havia destruído parte das salas de aula. Por conta disso, todo material da sala de leitura havia sido empilhado em um canto da sala, que deve equivaler a um quarto da mesma, foram colocados dois grandes armários de ferro para separar esta parte do restante da sala, que ficou arrumada com mesas e cadeiras, servindo como sala de aula nos turnos da tarde e da noite.

Perguntada sobre as atividades desenvolvidas com os alunos, ela me disse ser bastante complicado neste período, que já durava mais de um mês, e que aquela divisão certamente atrapalhava os dois lados, tanto a sala de aula, quanto a sala de leitura, já que ambas desenvolviam trabalhos totalmente diferentes num mesmo espaço físico. A professora assinalou que as atividades de sala de leitura com as crianças estavam sendo realizadas primordialmente no laboratório de informática, como um “quebra-galho” e que ali, os professores de sala de leitura realizavam trabalhos mais burocráticos. Conforme sua fala: *‘A gente está fazendo trabalhos mais burocráticos. A CRE liga, tem o curso tal. Tem o curso tal e nós precisamos de cinco professores para fazer. Aí, nós temos que ligar para as satélites do nosso pólo, para ver quem vai fazer aquele curso, para estar enviando esses nomes.’*

Claramente, o trabalho pedagógico desta sala de leitura estava bastante prejudicado por conta das obras, assim como o trabalho realizado no mesmo espaço como sala de aula, já que fica bastante difícil trabalhar e dar aula com telefone tocando ao lado e pessoas falando de assuntos diversos.

As duas outras entrevistas foram realizadas na escola efetivamente observada, com os professores Roberto e Cristina, que trabalhavam na mesma. O

professor Roberto foi entrevistado no dia 11 de outubro de 2005 e a professora Cristina, no dia 30 de novembro de 2005.

As observações propriamente ditas foram realizadas nos meses de julho, outubro, novembro e dezembro, na escola situada na Barra da Tijuca. Na maior parte do tempo, observei montagem de cenários, filmagem de animações por parte dos professores, gravação no computador de material a ser divulgado, ajuda dos professores de sala de leitura a outros professores, discussão sobre prazo de fechamento de projetos, bem como alguns trabalhos realizados anteriormente e que nos foram mostrados (tanto impressos quanto em dvd). Observei poucas atividades realizadas com os alunos. Falaremos das observações no próximo capítulo.